A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha, Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Talvez ainda não houvessem percebido que eu tenho andado arredio, fugitivo, com um desamor profundo e intenso pela Chronica, dando homem por mim a cada passo, como aquelles soldados que se aborrecem no serviço rude da fileira e sentem a nostalgia lancinante dos campos alegres, das descamisadas galhofeiras, do cheiro acre dos matagaes...

Não repararam n'isso, de certo, e a falta do reparo explica-se, necessariamente, pelo muito que estas pobres chronicas desfloridas teem ganho com as minhas ausencias providenciaes. Consumir quasi dois annos na leitura da mesma prosa e no convivio

O PRINCIPE D'ORANGE

do mesmo chronista, devemos confessar que é estopante; não ha paciencia nem resignação que resistam a esta dura prova.

Muito menos tempo de poder leva o bello governo que nos rege, e já por ahi começam a achal-o massador e importuno, embora elle mostre, nas suas fardas novas do trinque, as bordaduras que eu não sei exhibir no meu arrasoado despretencioso, e saiba divertir as massas boquiabertas com fogos de vista multicores, muito mais attrahentes, por certo, que o rammerão insulso d'estas minhas palestras hebdomadarias.

Pois tenho andado arredio, tenho. Foi de cangaço, foi por causa das *espigas*.

Primeiro, a *espiga* das festas na rua. Uma estopada em varios actos.

Depois, a *espiga* do senhorio. Um inferno.

Logo a seguir, a *espiga* da Ascensão.

E por fim, como remate a este *bouquet* de *espigas*, a *espiga* magna da revolta dos municipaes e artilheiros.

Já vocencias veem que fiz muitissimo bem em fugir á *espiga* da Chronica. Ao menos, eliminou-se uma do programma, e todos nós lucrámos com a eliminação—eu, porque não massei, vocencias, por que não fôram massados.

Para sécca, bastaram os festejos, bastou a tourada do *Turf-Club*.

Eu creio que já aqui se fallou das festas. Fôram ruidosas, e sobre tudo foram demoradas: brilhantes é que não. Talvez com menos dinheiro e menos tigelinhas se podesse ter feito coisa melhor, mais digna das pessoas a quem eram consagradas e do estrangeiro curioso, que nos veio metter o nariz em casa, assombrado pelos exaggeros do nosso reclamo jornalistico, um pouco *yankee* na forma e nos processos.

Em todo o caso, não se vá pensar que os festejos, por dispendiosas que fossem, deixaram o paiz *à bout d'argent*, como qualquer burgo podre sem recursos nem credito. Nada de receios e de inquietações pelo futuro. Nada de temores e de sustos pela sorte d'esta Parvonia adorada. A Chronica—uma ingenua—chegou a ter medo da bancarota, quando embasbacou na contemplação da egreja de S. Domingos armada em gala, e dos palanques da Avenida enfeitados a seda e oiro. Mas os seus receios pueris dissiparam-se logo á nascença. Quanto a gastos, affirmou-lhe o governo, pela bocca honrada e verdadeira dos seus orgãos, que elles não tinham alterado o equilibrio do orçamento, nem impedido que, no mez de maio risonho—*mirabile visu!*—se realisasse a diminuição da divida fluctuante.

Depois d'esta affirmativa, quasi que fica a gente com vontade de pedir mais festas, se não fosse massada, e se ellas não dessem pretexto aos srs. jornalistas estrangeiros para nos descomporem á sua vontade, nas folhas hespanholas e francezas, chamando-nos o povo mais selvagem da Europa e dizendo de nós—pobres occidentaes pacificos e burguezes—o que Mafoma não se atreveu, por certo, a dizer da carne de porco.

Imaginam lá o que estes nossos collegas d'além fronteiras escrevem, e o desplante com que todos elles mentem, muito anchos do resultado das suas observações sobre as coisas portuguezas?! Um d'elles—o representante do *Gil Blas*, *farceur* de primeira agua,—descobre que os archeiros da Casa Real são alugados ás horas, como o pianista Macario, e recrutados a esmo na ralé dos *gavroches* de esquina; inventa que o Tamagno—uma réles medriocridade—nasceu na patria de Anna Brites, sendo apresentado por nós como a *avis rara* dos tenores indigenas; e, de desatino em desatino, de embuste em embuste, de *blague* em *blague*, chega até a gentileza de nos crear os nomes, transformando, a seu sabor, o do sr. marquez de Ficalho n'uma palavra pornographica e mal soante, que nenhuns labios pudicos se atreveriam a proferir, que nenhuns ouvidos castos gostarão de escutar, e que s. ex.ª devolveu já, seguramente, com todas as lettras, ao chronista parisiense, para uso da redacção do *Gil Blas*.

Outro *reporter*, o do *Estandarte* de Madrid, depois de apreciar a bel-prazer da sua fanthasia de meridional, os nossos costumes e o nosso modo de ser politico, permittindo-se blasphemias que não se toleram a um visinho do pé da porta, quasi paredes meias, entretem-se a fazer a critica dos seis mil duques, condes e marquezes creados pela munificencia regia para solemnisar o enlace dos augustos e sympathicos Principes.

«Era já difficil—escreve elle—descobrir titulos para tantissimos grandes do reino sahidos da forja real, e mais difficil ainda descortinar meritos e serviços que justificassem as mercês concedidas. D'um conde pittoresco sabemos nós, que foi elevado á dignidade de duque... pelos merecimentos litterarios de seu irmão, exministro d'Estado e escriptor distinctissimo. Ahi está um parente que vale um thesouro!»

Discreteando ácerca da tourada do *Turf-Club*, uma corrida que ha de ficar memoravel nos annaes da tauromachia indigena, diz o pouco chronista madrileno:

«Diante de hespanhoes, aquillo não foi hospitaleiro nem sério. Na corrida houve *bezerros embolados* em vez de toiros, e faltaram os toureiros.»

Pois faltariam, meu caro sr. *reporter* do *Estandarte*, mas em compensação, como vio, sobejaram os espectadores, e tanto, que muitos d'elles—verdadeiros martyres—tiveram de ficar no campo dos *ditos* da Patria, como diria o sr. Mendonça e Costa, olhando tristemente para os seus luxuosos bilhetes de convite, impressos a ouro sobre finissimo cartão Bristol. Ahi está, para o attestar, o nosso collega Gabriel Claudio.

Umas linguas damnadas, estas dez mil linguas do jornalismo europeu!

Para nós, as festas, apesar dos seus muitos defeitos de organisação, tiveram um lado bom, que nos faz perdoar o crime de lesa-gosto dos mastros arraialescos, das lamparinas multicores do sr. Burnay, da ornamentação de S. Domingos, e das cuspideiras do Terreiro do Paço. Libertaram os nossos ouvidos da musica indigesta de 260 pianos, que a estas horas dormem ainda, a somno solto, nos vastos armazens do Montepio Geral.

Felizmente, os *reporters* das folhas estrangeiras não assistiram já ao epilogo d'esta longa série de diversões—tristissimo epilogo!—as desordens sangrentas entre a municipal e os artilheiros, por causa d'uma simples mulher, d'uma obscura Maria da Piedade ainda hontem ignorada, e que hoje vê o seu nome, gravado com todas as lettras, nas chronicas escandalosas da imprensa da capital, mercê da imprudencia e da estupidez d'um policia façanhudo, d'uma besta de zelos, talvez, d'um Othelo furioso disfarçado em agente da ordem publica.

A' hora em que escrevemos, Lisboa está em estado de sitio; as garantias quasi suspensas; os estabelecimentos de commercio do Rocio, fechados; a Municipal, sedenta de sangue, a acutilar, com furia selvagem, mulheres, homens e creanças; o povo correndo vertiginosamente pelas ruas fóra, com medo do estrondear das descargas; a cavallaria, de sabre desembainhado e flammejante em punho, a carregar sobre a multidão pacifica e inerme, a força publica a ferir por ahi, a esmo, n'um desvairamento cego.

E tudo isto por uma mulher, por causa de uma réles Maria da Piedade! E tudo isto n'uma capital com fóros de civilisada!

Triste!

Se os estrangeiros vissem... C. D.

RECORDAÇÕES DE UM JORNALISTA

REVISTA CONTEMPORANEA PANORAMA

Vou fallar agora de dois periodicos, em que eu collaborei já nos seus ultimos dias. Era um d'elles a *Revista Contemporanea*; foi o outro o *Panorama*.

Poucos jornaes em Portugal se têem apresentado com tão prosperos auspicios como a *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, que, se me não engano, saiu em 1859. Dirigiram-n'a Ernesto Biester e Antonio de Brederode, ambos fallecidos já, como falleceu o jornal.

A *Revista Contemporanea* foi verdadeiramente, na sua primeira epoca, um repositorio de obras primas. Aquelles fasciculos de capa amarella, que saíam mensalmente, abrindo sempre com uma optima gravura em cobre, que representava algum dos nossos homens celebres, entremeiada de vez em quando com uns desenhos phantasistas de S. M. El-Rei D. Fernando, e alguns outros de Annunciação ou de Christino, obtinham um immenso exito, e mereciam n'o. Effectivamente, a *Revista Contemporanea* publicou o *Pavilhão Negro* de Mendes Leal e a poesia á morte de D. Pedro V, de Castilho, os primeiros poemetos, cheios de frescura e de mimo, de Eduardo Vidal, uns excerptos da *Pequita* de Bulhão Pato, a *Festa e Caridade* e a *Judia* de Thomaz Ribeiro, uma serie de biographias admiraveis de Rebello da Silva, avultando entre ellas o esplendido artigo consagrado a José Estevão, outra serie de biographias de Latino Coelho, e entre ellas a biographia incompleta de Castilho, que encerra vinte paginas, que são das melhores que Latino tem escripto na sua vida, contos e biographias de Julio Cesar Machado, entre ellas a adoravel biographia de Taborda, uns poucos de contos de Camillo Castello-Branco, e entre elles os *Casamentos*, que são verdadeiras obras primas, prosas de Mendes Leal, de Andrade Corvo e Silva Tullio, a *Ermida de Castromino* de Teixeira de Vasconcellos, sem duvida alguma o seu melhor romance, o artigo ácerca da Ristori do visconde de Castilho, o mais acabado modelo de boa prosa portugueza que é possivel encontrar-se, e as ultimas producções de Lopes de Mendonça. Inserindo assim os primores da geração litteraria que estava então no seu pleno vigor, a *Revista Contemporanea* abria sem hesitar as suas portas aos novos, fosse qual fosse a sua origem litteraria, e assim foi que inserio no seu ultimo volume artigos meus, de Osorio de Vasconcellos e de Theophilo Braga.

Como foi que morreu este jornal, que parecia ter penetrado tão vivamente no gosto do publico? Matou-o a administração, que era deploravel. Antonio de Brederode, que não conheci, era um *viveur*. Déra cabo dos seus haveres, e uma bella noite em que se recolhia para casa com as ultimas quatro libras na algibeira, comprou um bilhete de Hespanha, e ganhou quarenta contos de réis.

Creio que não tardaram a sumir-se no mesmo vortice em que desapparecera o resto. A *Revista Contemporanea* luctava muitas vezes com falta de fundos. Antonio de Brederode entrára n'aquella empreza com grande enthusiasmo, depois não pensára mais n'isso. Quizera tambem fazer um pouco de litteratura, e escrevera um conto intitulado *Um mez em Cintra*. Supponho que d'esse famoso conto apenas publicou meia pagina.

Ernesto Biester era um indolente. Regalava-se em se estatelar nos sophás do escriptorio, fumando o unico charuto que fumou em toda a sua vida, e digo o unico, porque o accendeu ao desmamar-se, e o apagou quando as horriveis ancias da morte que o salteou lh'o fizeram cair da boca. Apezar de ter, assim, um aspecto de locomotiva, desconhecia completamente a velocidade dos caminhos de ferro. Deixava ir tudo aquillo á matroca, como o Michonnet da *Adriana Lecouvreur* de Castilho. No primeiro anno ainda a *Revista Contemporanea* saiu regularmente, depois os numeros começaram a distanciar-se. O quinto e ultimo anno da sua existencia comprehendeu, se me não engano, uns poucos de annos da vida da humanidade. E afinal morreu.

No ultimo anno Biester tentára umas reformas pouco sensatas. Quizera ter um grande numero de *Chronicas* mensaes. Incumbiu Antonio Augusto da chronica politica nacional e estrangeira, Andrade Corvo da chronica scientifica, Julio Cesar Machado da chronica do mez, reservára para si a chronica litteraria, e déra-me a mim a chronica de modas, condecorando-me com o pseudonymo de Clotilde Z. O que me consola é que tenho a certeza de que não houve leitora que seguisse as minhas indicações, senão que remorsos! Era capaz de ter feito com que se malograssem alguns casamentos.

Mas tudo aquillo era um erro. Não precisava a *Revista Contemporanea* de reformas na redacção, que era excellente. Do que ella precisava era de ser bem administrada. Ernesto Biester tinha uma grande qualidade. Apenas um nome adquiria prestigio, ia logo procural-o para a *Revista*. Foi assim que, apenas Bernardino Pinheiro publicou a sua *Arzilla*, foi logo convidado a escrever na *Revista*. Surgiu no Brazil o grande talento de Machado de Assis, logo Ernesto Biester lhe pedia versos. Como director litterario era excellente, como administrador, uma desgraça.

O guarda-livros da *Revista* era um velho Matta, antigo empregado da casa commercial Biester, que se achava completamente deslocado n'aquella athmosphera jornalistica. Amarrado á sua meza ao canto da janella, esmagado pelas reclamações dos assignantes, que berravam contra a irregularidade da *Revista*, perdia a cabeça, e queria dar a sua demissão. E Biester entretanto, puxando a suissa e arrancando fumaças do seu charuto, conversava sobre theorias de arte e fazia o desespero do pobre velho.

Depois de uma agonia prolongada, a *Revista* morreu. Quem encontrar ainda a collecção dos cinco volumes da *Revista Contemporanea* e os levar para a sua bibliotheca, pode ter a certeza de que leva uma collecção preciosissima.

Entre os artigos que alli figuram ha dois mysteriosos, a que eu vou agora levantar o véu. Um d'elles tratava do cerco do Porto, e era assignado pelo pseudonymo *Azoubelos*. Este pseudonymo occultava nem mais nem menos que o nome de Sua Magestade El-Rei D. Pedro V.

O nome do author do outro artigo vae surprehender um pouco os meus leitores. Tambem devo dizer que não tenho a certeza absoluta e completa da exactidão do que vou dizer, pelo menos não posso proval-a. Mas a minha memoria não me costuma atraiçoar, e essa memoria parece-me positivamente que conservou com a maior fidelidade a revelação que n'esse tempo me foi feita.

Apparece na *Revista Contemporanea* um drama incompleto intitulado *Cecilia*. Não tem nome algum a firmal-o; pois é de um deputado, que principiava então a manifestar-se na camara como orador notavel, com o nome de Sebastião de Carvalho, e que hoje se chama visconde de Chancelleiros.

O outro periodico, a que prometti referir-me, é o *Panorama*. Este nome é de certo o nome mais glorioso do jornalismo portuguez. Fundado por Alexandre Herculano, fez uma verdadeira revolução na litteratura e na sciencia historica portugueza. Não se imagina o enthusiasmo que aquelle jornal produzio. Depois de oito annos de existencia, morreu, pode dizer-se, cheio de força. Não sei as causas da sua desapparição em 1844. Sei apenas que ainda conheci, na minha mais remota infancia, um velho official reformado, chamado Barbosa, que tinha pelo *Panorama* um verdadeiro culto. Os oito volumes da obra sagrada estavam cuidadosamente encadernados, e elle não os abria para mostrar as gravuras detestaveis senão com um superesticioso respeito. Este era o typo geral. Toda aquella geração fallava com verdadeiro enthusiasmo no *Panorama*.

Este facto incitou o editor, Fernandes Lopes, a recomeçar a publicação do *Panorama*, e em 1846 encetou a nova serie. Escolhera má epoca, e demais a mais o *Panorama*, apesar de ser admiravelmente redigido, tomava uma feição diversa, porque attendia muito ao elemento estrangeiro. As traducções abundavam. Em todo o caso, as discordias civis é que paralysaram a iniciativa do editor. O volume ficou por concluir.

Em 1852 deu-lhe segunda avançada, e foi então completamente feliz. Rebello da Silva dirigia o jornal primorosamente com a collaboração de Francisco Maria Bordalo, Bulhão Pato, Vilhena Barbosa, Oliveira Marreca, Latino Coelho, Gomes de Amorim, Palmeirim, que publicou alli o seu mais delicioso conto em prosa, a *Familia do sr. capitão-mór*, e o proprio Alexandre Herculano, que alli ainda inserio as suas encantadoras *Cartas da Extremadura*. Mas Fernandes Lopes era um editor-Harpagão. Ajustára com Rebello da Silva pagar-lhe os artigos a tanto a linha. Um dia, Rebello da Silva mandou-lhe um artigo de critica litteraria com abundantes citações. Fernandes Lopes achou que isso estava fóra do contracto, e descontou-lhe as linhas que não eram d'elle. Rebello da Silva calou-se, mas no artigo immediato mandou uma pagina assim concebida:

«Vejam como o poeta, arrastado pelo enthusiasmo, exclama... Não justifica porém o que diz Horacio quando... ou Boileau quando... Vejam agora este final... Encontram por acaso... como diz o nosso bom Filinto?»

Na vespera de sair o jornal appareceu Fernandes Lopes em casa de Rebello da Silva.

—Que temos? perguntou o escriptor com a sua voz sonora, mirando-o com os olhos radiantes de malicia.

—O' homem, bradou Fernandes Lopes, que era gallego, o cheu artigo *num* se entende.

—*Num* se entende porque? redarguiu Rebello da Silva arremedando-o.

—Porque lhe falta muita coisa. *Vasta* olhar para este pedaço por exemplo «o que diz Horacio quando...» quando o que?

—Uma citação. O trecho de Horacio completa a phrase.

—Mas onde está a *chitaçon*?

—Onde está? Está em Horacio.

—Mas o senhor *num* a mandou.

—Podera! Você não as paga. Metta-a você por sua conta.

Fernandes Lopes, que era esperto, saiu de orelha murcha, e nunca mais discutiu as citações debaixo do ponto de vista financeiro. Mas as suas mesquinharias tanto arreliaram Rebello, que afinal abandonou o *Panorama*, e este jornal caiu n'uma lastimosa decadencia. O ante-penultimo volume já não era bom. Os dois ultimos da segunda epoca são ignobeis.

Já não tenho espaço para fallar na terceira epoca do *Panorama*, em que eu entrei. Fica para o proximo, e talvez ultimo artigo.

PINHEIRO CHAGAS.

DOLOR!

Faminto, o olhar minaz, tôrvo jaguar vagueia:
Ao lobrigar a preza, encurva a mão gryphanha.
Arma veloz o pulo, e a garra adunca preia
A côrça, que feliz retouça na campanha.

Despedaça-a feroz com truculenta sanha,
O seu olhar cruel a gula lhe encandeia!...
Findo o repasto apoz, acolhe-se á montanha,
Aos lobregos covis, que nunca sol clareia.

Mais treda e mais feroz que o vil jaguar refece,
Se em nosso coração acaso resplandece
De luminoso amor a aurora radiante,

Investe-o logo a Dôr com formidavel força,
E em breve o coração, como a innocente côrça
Na sua garra adunca expira soluçante!

D. VASCO VASQUES.

OS ALBUNS DE JERONYMO SILVA

São cinco, estes albuns excepcionaes, que não se parecem com nenhuns outros, e que nasceram, ou antes que brotaram das habeis mãos do seu proprietario, de certo para vingarem a memoria execrada do Album, em geral, do pobre Album amaldiçoado por quantos se hajam visto na dura necessidade de perpetrarem uma phrase idiota, á falta de não ser espontanea, ou um verso duro como um silex, sacrificados em holocausto a um pedido amavel.

Ao contrario do que succedia aos seus antecessores, não ha ninguem que não se sinta lisonjeado ao ter de deixar o nome nos albuns de Jeronymo Silva.

Jeronymo Silva adora os seus cinco albuns e vive para elles, como o pae mais extremoso pode viver para os filhos do seu amor. A' força de fantasia, de intelligencia, de perseverança e de constancia, conseguiu elle fazer dos seus formosissimos albuns como que cinco cofres encantados, que patenteiam diante do nosso olhar verdadeiras preciosidades artisticas.

Um inglez, julgando, como todos os inglezes, que tudo se compra n'este mundo com dinheiro á vista, offereceu uma vez por dois d'estes albuns cem libras.

As flores naturaes, dispostas por Jeronymo Silva com o fino gosto de um artista de raça, constituem o principal attractivo d'estes esplendidos livros.

Algumas paginas, onde fitas de côres esbatidas entrelaçam as hastes arrendadas dos arbustos e os pequeninos bouquets que parecem acabados de colher, teem o delicioso aspecto de um jardim de primavera, ainda todo gotejante das perolas do orvalho.

De subito, como que engastado nas pétalas das flores, sorrinos o retrato de um glorioso na Arte, rubricado pela sua propria calligraphia. A galeria dos retratos, dos autographos, das musicas, etc. é vasta e selecta.

Todos os Illustres que teem passado pela nossa terra deixaram alli uma photographia, o nome, e muitos, um pensamento, vibrando como a expressão rediviva da voz que desappareceu ao longe...

Os primeiros poetas e prozadores nacionaes tambem alli teem o seu logar evidente.

A par das flores, dos retratos e dos autographos, figuram *croquis* desenhados por El-Rei D. Fernando, pelo Principe Real e pela maioria dos nossos desenhadores illustres.

Folheemos, ao acaso, os cinco albuns que passaram, na sua eterna peregrinação de Ashaverus, pela nossa meza de trabalho, e arranquemos-lhe, em proveito do leitor, algumas das joias que lhe esmaltam as paginas.

Madame Rattazzi de Rute escreveu na ultima pagina do primeiro album, em julho de 1884:

«*La beauté fait cent conquêtes contre une qui fait l'esprit, mais celuici sert a les conserver et à les fortifier.*»

Sarah Bernhardt escreveu á margem do seu retrato, uma photographia de Nadar:

«*La patrie est un lieu ou l'on a des amis.*»

Kaschmann, o grande barytono, deixou ao lado do retrato no *costume de Hamlet*, os seguintes versos:

A SHAKSPEARE

Il sublime ideal de tua parola
Esalta la mia mente e 'l cor mi bea:
Ma, ahimè! ch'io non potró una volta sola
Fido vidar la tua divina idea!
Sommo tu sei, per me tropp'alto stai,
Breve è la vita, e l'arte è lunga assai!!

Mencionemos, de relance, muitas paginas onde se nos deparam plantas, borboletas e flores, provenientes da Argelia, do Vezuvio (Napoles), do palacio de crystal de Londres, do Luapula e Lualaha, (Africa Central), de Lourenço Marques, de Trouville, do Bosque de Bolonha, uma folha de rosa colhida no leito de morte de Victor Hugo, uma folha de hera, oriunda do jardim de Sarah Bernhardt, etc, etc.

—«*A toi, Lisbonne* (escreve Cecilia Ritter por baixo do seu retrato de *Ophelia*, feito em Bolonha), *à toi la reconnaissance, les sourires et les fleurs d'Ofelia!...*»

Bianca Donadio deixa no album das illustrações uma esplendida photographia, feita na Piazza Mignanelli, (Roma), com uma unica palavra: «*Souvenir.*»

Na pagina seguinte, chama-nos a attenção o *Fac simile* da primeira gazeta publicada em Portugal, offerecido ao congresso litterario internacional de Lisboa, e rubricado por estas palavras de Eduardo Coelho: «*Ao seu amigo Jeronymo Silva, homenagem ao seu talento.*»

Rosa Damasceno acompanha o seu retrato com estas palavras de Samson: «*L'art du comédien a-t-elle besoin d'un maitre?*»

Lucinda Furtado Coelho revela, em algumas palavras, a vocação para *bas bleu*, manifestada ultimamente em correspondencias enviadas de Roma para um jornal brazileiro:

«*Si on peut admettre que le comédien ne possède quelques fois l'illustration qu'il lui faut pour interpréter le rôle qu'il doit jouer sur la scéne, il faut, au moins, qu'il ait de l'ortographe dans ce qu'il écrit sur le papier.*»

Era, talvez, mais logico e mais correcto, que a illustre actriz tivesse escripto no seu idioma: mas a actriz illustre, de certo para não se parecer com as outras, preferiu escrever em francez.

No dia immediato á *première* da *Cigale* em Lisboa, Celine Chaumont diz-nos, por intermedio de uma pagina do album de Jeronymo Silva: «*Je ne puis m'empêcher d'envier le sort de ce portrait. Il va prendre une place au milieu de grandes artistes! Et il va rester à Lisbonne!... Je le charge d'y laisser mon souvenir et une grande partie de mon cœur. Une artiste heureuse.*»

O celebre capitão Voyer delega no proprietario do album os seus poderes, para agradecer aos portuguezes o bizarro acolhimento que lhe fizeram.

Isabel Roma Rattazzi, (que acaba de ser acclamada no baile da legação de Italia, como a mais formosa e a mais intrepida de todas as valsistas), escreveu no maravilhoso album:

El amor mas estremado
Es el amor de la madre:
El dolor de las dolores,
El dolor que no ve nadie.

Peregrina acabou de encher a pagina com este pensamento, malicioso como ella: «*Les sauvages sont des gens qui ne comprennent pas ce qu'on leur dit et devinent ce qu'on ne leur dit pas.*»

No reverso d'essa curiosa pagina, escreveram Fernando Caldeira e José Antonio de Freitas. Diz o primeiro:

Eu cuidei que não havia
Cousa peor que a politica:
Vae um dia
faço tres peças ou quatro...
Justos ceos! havia a critica
de theatro.

Responde o segundo:

Estás enganado, Fernando;
Ha cousa muito peor:
São os albuns. Dize: «quando
Viste tortura maior?»

Ao voltar da folha, sorri-nos a Judic, vestida á militar, parecendo querer saltar no *parquet* branco e lustroso da pagina, para repetir-nos o que ella alli deixou escripto:

«*Souvenir d'un soldat qui voudrait bien prendre garnison à Lisbonne, et qui n'oubliera jamais l'accueil qu'il (ou qu'elle) a reçu des Portugais.*»

Contrasta com a endiabrada expressão *gamine de mamz'elle Nitouche*, o branco perfil harmonioso e casto de Fidés Devriés, que nos apparece logo na pagina seguinte.

O 3.º album deve a Eduardo Brazão uma pagina espirituosissima. Referindo-se ás contrariedades que se oppozeram ao seu projecto de representar o *Othello*, o grande actor escreve:

«*Depois da peça ter ido á scena não sei quantas vezes, e de estar já firmado o successo, foi perguntado ao distincto actor Furtado Coelho, por um amigo meu, se já tinha visto o «Othello», ao que*

BIANCA DONADIO

Ale respondeu: *«Não auctoriso com a minha presença um escandalo dramatico e litterario.*

«Sabes a vingança que heide tirar d'isto? (conclue Brazão) *Vou vel-o representar uma d'estas noutes».*

Deliciosol

Gayarre figura no 4.º album com algumas notas de musica e outras tantas palavras graciosas.

Devoyod illustrou a sua photographia com as seguintes palavras, traçadas em uma vigorosa calligraphia ingleza:

«Si l'art chasse d'un cœur la pensée egoiste, au feu de ses rayons. S'il nous brûle toujours, s'il fait pâlir en nous tous les autres amours, cher monsieur, ce portrait est celui d'un artiste».

E já que estamos a contas com os artistas do bello canto italiano, transcrevamos as palavras de que Josephina de Reszke acompanha o seu bello retrato de mulher loira e formosa:

«Ces fleurs ne meurent jamais. Car si l'on perd le souvenir de leur parfum,—le parfum du souvenir les fait revivre».

Adelina Patti escreveu na primeira pagina do 5.º album:

«Pourquoi la musique est'elle aimée de tous? Parcequ'elle sait rire avec ceux qui sont gais, et pleurer avec ceux qui sont tristes.»

Um magnifico retrato de Ernesto Rossi apparece-nos, contendo á margem as seguintes palavras do grande tragico:

«Ben poca cosa è il nome mio—ma in mezzo a tanti diventará nullo—nella speranza di non esser visto—ecco: lo pongo.»

Manczy Lajos, o regente da orchestra dos zingaros, enche, com a sua desempenada figura de acrobata uma pagina do 5.º album das glorias.

Capello e Ivens, os dois famosos exploradores, collaboraram no 5.º album, o primeiro com uma flor do Qualaba, o segundo com uma borboleta do Luapula.

Masini escreveu n'este mesmo album:

«L'amore è la vera inspirazione delle arti sublimi.»

Sofia Scalchi Lolli traçou em um angulo da pagina a celebre phrase shakesperiana: *«Parole, parole, parole!»*

Encerremos a nossa rapida digressão, ou antes a nossa indiscreta invasão atravez dos cinco prodigiosos albuns de Jeronymo

Silva, reproduzindo os originalissimos versos de Antonio Feijó, que aformoseiam duas das suas paginas:

PALACIO NO CORAÇÃO

THU—FU

O incendio devorou inteiramente
a casa onde eu nasci;
para esquecer o tragico incidente
embarquei e parti.

Ao som da flauta d'ebano esculpida
cantei á lua, que no azul boiava,
mas a lua velou-se entristecida
n'uma nuvem ligeira que passava.

Voltei-me então para a montanha, e nada
me inspirou a montanha, erma e sombria...
de certo foi no incendio devorada
da minha infancia a limpida alegria.

Tive desejos de morrer. Curvado
sobre as aguas revoltas, n'esse instante,
vi passar, n'um barquinho illuminado,
uma mulher formosa e deslumbrante.

E ao contemplal-a extatico, embebido,
pensei, no turbilhão das minhas magoas,
que era a lua, do azul indefinido,
a reflectir-se no cachão das aguas.

E logo murmurei: Se ella quisesse,
dentro do seu franzino coração,
fugindo-me o pezar, talvez podesse
reconstruir a minha habitação.

GUIOMAR TORREZÃO.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 44)

IV

A governante

Quando Luiz sahiu, Antonino acompanhou-o até á escada e quando voltou para a saleta fechou a porta rapidamente, como se temesse que elle voltasse ainda, e ficou-se um momento parado, á espera d'ouvir rodar o trem.

E quando sentiu fechar a porta do *coupé*, o cocheiro chicotear os cavallos e a carruagem afastar-se, dos seus pulmões sahiu um profundo suspiro d'alivio.

A' outra porta da saleta assomara immediatamente, com uma expressão de grande curiosidade, a cara transtornada de Antonia, emquanto a velha se arrastava tropegamente lá por dentro, resmungando imprecações.

—Então? O que se passou? perguntou impaciente Antonia, acercando-se d'elle.

—Parte esta noite para o Porto.

—Não desconfiava nada de ti, não é assim?

—Não.

—Bem te disse eu. E tu não te trahiste?

—Creio que não... não com certeza, respondeu Antonino ainda muito embaraçado.

—Mas conta-me lá por miudos o que elle te disse, o que tu lhe dissesste...

E elle contou toda a scena que se passára, e que lhe causara tantas agonias.

Antonia ouviu, ouviu, e por fim disse:

—Agora é necessario que o vás acompanhar hoje á noite ao caminho de ferro.

—Eu? perguntou Antonino, aterrado á idéa de se encontrar outra vez em presença do amigo que tão infamemente ultrajára.

—Sim, tu, então havia de ser eu?!

—Mas para que é preciso...

—Primeiro porque não haveria nenhuma rasão plausivel que lhe explicasse a tua ausencia n'esse momento gravissimo da sua vida, e segundo porque é sempre bom ficarmos tendo a certeza de que elle partiu.

—Tens rasão, concordou logo Antonino, comprehendendo a segurança que lhe dava a certeza da partida de Luiz; irei á estação.

—Mas o peior, continuou elle d'ali a nada, tendo ficado um momento silencioso a remoer o assumpto, mas o peior é se alguem desconfia da coisa e lhe vae dizer a elle, e se tenho uma scena séria no caminho de ferro...

—Ninguem sabe, e mesmo se alguem soubesse não lhe iria dizer. O nosso drama foi perfeitamente intimo. Só a criada, a velha, é a unica que está ao facto do que se passou, e essa, nem pela cabeça lhe passa que o meu amante sejas tu, o melhor amigo de Luiz, do seu Ai Jesus!

Fazendo das fraquezas forças, Antonino appareceu á noite na estação do caminho de ferro, á espera do seu amigo.

Effectivamente, dez minutos antes de chegar o comboio, Luiz chegou com sua filha, ambos vestidos todos de preto, lucto rigoroso.

Luiz teve um ar de alegria no seu rosto annuviado, ao encontrar Antonio na estação.

Deu-lhe um abraço muito apertado, muito intimo, muito cheio de commoção, agradeceu-lhe com as lagrimas nos olhos o elle ali ter ido. Depois, os guardas dos comboyos fecharam as portas dos wagons, a sineta deu o signal, a locomotiva soltou um assobio estridente e o comboyo partiu.

E até ao fim da *gare*, Luiz, muito pallido, com duas lagrimas correndo-lhe serenamente pelas faces lividas, tão fundamente cavadas pelo soffrimento, estava debruçado na portinhola, acenando com o bonnet ao seu querido amigo, ao seu bom Antonino, que cheio de saudades pungentes deixava em Lisboa d'onde fugia, n'essa Lisboa em que tivera tantas horas de ventura e em que fôra o mais desgraçado dos homens.

V

Vida nova

Partido o comboyo, Antonino saiu da estação, metteu-se n'um trem e seguiu para a rua das Damas.

E sosinho dentro da carruagem, foi pensando na sua vida.

Tranquillisado de todos os terrores cobardes que desde pela manhã o assaltavam, não tendo medo já da vingança do marido, que ignorava que fosse elle o insultador da sua honra, começou então a encarar friamente a sua nova situação, a olhar a sério para o futuro que o esperava e que de repente se fizera ali, pela manhã, na sua pacata casa da rua das Damas.

E que futuro esse!

Não que elle não gostasse de Antonia, pelo contrario, gostava immenso. Antonia era uma formosa mulher, que passava muito além de todos os seus ideaes de provinciano, que lhe enchia completamente as medidas, na phrase textual que elle proprio usava para com os seus botões. Mas uma cousa é um homem gostar d'uma mulher, outra coisa é ficar amarrado a ella toda a vida, aguentar perfeitameto com a todas as resposabilidades, com todas as massadas e demais a mais com todos os riscos.

O Fonseca não era já um menino, e não era de ha muito livre.

Tinha dois filhos já, e tinha sua mulher, viva ainda, lá para a provincia.

Era uma santa mulher sua esposa, boa e simples, mas era proviciana como todos os demonios, e o Fonseca, desde que pozera o pé em Lisboa, começára a habituar-se á capital, a ter ambições a detestar a provincia e todos os seus habitos e todas as suas pessoas.

E, como tinha de seu, poude realisar logo algumas d'essas ambições, como por exemplo a de viver em Lisboa.

Servindo-se dos seus negocios para justificar a sua estada na capital, arrendára residencia na rua das Damas, uma casa que lhe sahia baratissima, e que lhe permittia ir accumulando contos de réis, pois sua mulher, que se obstinava em não vir para cá, em não sahir da sua querida provincia, não lhe fazia lá despeza alguma, e até pelo contrario, cuidando-lhe das fazendas como o melhor dos lavradores, fazia d'anno para anno subir as receitas.

E a vida do Fonseca ia correndo deliciosamente.

Sua mulher e sua filha la na provincia muito bem, não o incommodando e augmentando quotidianamente os seus haveres, elle sosinho em Lisboa, á sua vontade, levando vida regalada, correndo-lhe bem os negocios da algibeira, e melhor ainda os negocios do coração, tendo arranjado uma amante deliciosa, bonita, uma senhora casada a quem até então ninguem tinha nada que lhe dizer, que de repente se encasquetára por elle d'um amor romantico e com quem não fazia escandalo... nem despeza.

Tudo ás mil maravilhas, tudo! E de repente as coisas mudavam de figura, e a sua vida levava uma reviravolta completa.

—Esta só pela breca! exclamava elle, na carruagem, de vez em quando, cheio de terror ao encarar o futuro.

(Continúa)

GERVASIO LOBATO.

UMA FORMOSURA

SUPPLICA

Já viste a florinha que aos beijos da lua
Remoça de côr?
Assim a minh'alma de lucto vestida,
Ao ver os teus olhos de fogo, querida,
Revive d'amor.

Eu sinto a existencia tremer enlaçada
N'um riso dos teus:
Se tu me deixasses... de certo morria,
Meu lirio dos valles, meu astro do dia,
Meu anjo dos ceus!

Nas tuas madeixas existe o perfume
Das castas boninas,
E quando os teus labios se entreabrem de leve,
Eu vejo os teus dentes mais brancos que a neve
Quaes perolas finas...

E então a minh'alma vacilla encantada
N'um riso dos teus!
Se tu me deixasses.. de certo morria,
Meu lirio dos valles, meu astro do dia,
Meu anjo dos ceus!

Tu és tão formosa!... De santa, de boa,
De linda que és,
Eu dava o meu sangue para um só instante
Viver ao teu lado, depois, delirante,
Morrer aos teus pés...

Oh! não, não me deixes que eu sinto-me preso
N'um riso dos teus:
Se tu me deixasses... de certo morria,
Meu lirio dos valles, meu astro do dia,
Meu anjo dos ceus!...

Lisboa—1886. EÇA DE ALMEIDA.

(Dos *Cantos ao vento*).

AMOR E DINHEIRO

N'aquelle dia o pae chamara-a de parte, e, com um modo severo e brusco—o seu modo habitual—disse-lhe:

—Fica sabendo, Laura, que já te arranjei noivo.

E como ella, ouvindo tão inesperada revelação, não podesse occultar um pungente sobresalto, elle accrescentára, esfregando as mãos carnudas n'um gesto de intima satisfação:

—E então que noivo, Laura! Nada mais, nada menos que um dos meus melhores correspondentes, o da cidade de Pelotas, homem já maduro, mas bem conservado, e sobretudo, opulento como um Creso.

—Mas... papá... arriscou-se ella a observar com voz lacrimosa e tremula.

—Qual *mas*, nem meio *mas*?... E' negocio assente e resolvido. Quem manda sou eu. O Pinheiro ha de dar um optimo marido. Elle viu um retrato teu, sympathisou comtigo, e resolveu pedir a tua mão, ao que eu promptamente annui. Portanto a minha palavra está dada, e escusamos de fallar mais em tal. O Pinheiro deve chegar por estes dias, e por isso te quiz prevenir para que o recebas como a teu futuro marido.

A pobre Laura não disse nada, comprehendendo, talvez que seria inutil discutir com seu pae, cujas resoluções, uma vez tomadas, eram inabalaveis; mas, ao retirar-se ao seu quarto, silenciosa e pallida, formulava comsigo o proposito firme de reagir, não se prestando a consummar o sacrificio que lhe pretendiam impôr.

Laura, como todas as meninas da sua edade para quem o namôro é coisa absolutamente indispensavel, tinha tambem o seu namorado, um optimo rapaz, sentimental e romantico, mas que apenas possuia de seu as suas illusões, e a promessa de um logar de amanuense n'uma repartição publica. Ora estas prendas, só por si, não bastavam para satisfazer o *brazileiro*, homem brutalmente orgulhoso da sua fortuna, e para quem o dinheiro era tudo —o unico deus a que rendia culto, a unica força que lhe impunha respeito. Não obstante, os dois namorados nunca tinham attentado n'esta circumstancia, nem tão pouco haviam pensado, sequer, que a auctoridade paterna, tantas vezes despotica e inexoravel em negocios do coração, podesse interpôr o seu veto á realisação dos seus famosos planos.

Almas enthusiastas e ardentes, aquecidas ao fogo da sua mocidade radiosa, queriam-se e desejavam-se com a intensidade profunda de um primeiro amor exclusivo e apaixonado.

Nos seus intimos colloquios, alta noite, ao clarão sereno do luar ou á luz mortiça do gaz municipal, esboçavam elles muitas vezes, por entre as mil puerilidades dos seus devaneios phantasistas, encantadores projectos de um futuro delicioso, perfumado pelo aroma embriagante da flôr ideal d'aquelle amor. E passavam assim horas esquecidas, permutando entre si doces poemas de virginal sentimento, enlevados n'um mystico arrebatamento, absorto o espirito em sonhos de delicada ternura.

Imagine-se, pois, a angustiosa commoção que sentiria o apaixonado Romeu, quando, á meia noite, postado, como de costume, debaixo da janella da sua amada, escutou dos labios d'esta a terrivel e dolorosa revelação do que n'aquelle dia se passara entre ella e seu pae.

No auge do espanto, e como que estarrecido, o pobre rapaz ficou a principio sem poder articular palavra. Depois, voltando a si d'aquella subita estupefacção, prorompeu em altos brados, em exclamações melodramaticas, e inteiramente desvairado, acabou por declarar que iria suicidar-se.

—Perdida a esperança de te possuir, só me resta morrer! balbuciou com a voz entrecortada de soluços, a mão sobre o coração e os olhos em attitude contemplativa.

—Não! objectou ella com energia. Devemos antes encher-nos de coragem e luctar.

—Luctar? Mas se é impossivel a lucta?... Como queres subtrahir-te á vontade de teu pae?

—Fugirei comtigo, irei lançar-me nos teus braços, e quando meu pae comprehender que não sou a victima imbelle e resignada que esperava encontrar em mim, ha-de ceder, e então poderemos casar.

—E's um anjo, Laura, e eu nunca te amei tanto como n'este momento, em que me é dado avaliar bem toda a grandeza do teu amor e da tua dedicação. Mas lembra-te de que sou pobre, que nada absolutamente possuo. Queres tu sacrificar-te, partilhar a minha existencia obscura, a minha pobreza sem esperanças, e abandonar os gozos e as commodidades que de certo te proporcionava o *outro*, o marido que teu pae pretende dar-te? Pensa bem no que fazes. Se acceitas, amanhã a esta hora fugiremos juntos.

—A teu lado, Paulo, não posso receiar a vida que me descreves!—E, com uma chamma de profunda resolução a brilhar-lhe no olhar, accrescentou:—Seguir-te-hei a toda a parte, trocarei tudo pelo teu amor.

* * *

Assim foi.

Na noite seguinte, á hora aprasada, Laura abandonava a casa paterna, no meio de mil precauções, e ia lançar-se nos braços do amante.

Dominados por uma forte commoção e por um jubilo intensissimo, entraram n'um *coupé*, que a poucos passos os esperava, e partiram, embalados pelos solavancos da carruagem, afogando as palavras em doidos beijos, ebrios de alegria e de contentamento, sem que ella—forte e audaz na sua delicada compleição de mulher—mostrasse receio ou timidez, sem que elle pensasse, sequer, no futuro que os esperava, abandonados assim ao seu amor, e sem recursos nem protecções.

Dominava-os a sublime loucura da paixão, a mesma que fazia exclamar a Maria Stuart no auge do seu doido amor por Bothuel:—«Pouco me importa perder a França, a Escossia, a Inglaterra; com elle irei ao fim do mundo.» Tão longe não chegariam de certo os nossos namorados, porque lhes faltava o dinheiro—*o vil metal*—e o amor, embora empreste azas á phantasia, não póde emprestal-as ao corpo para transpôr as distancias.

Não tinham um destino prefixado. Iriam ao acaso. Aos seus olhos deslumbrados pelas fulgurações radiosas da paixão, o futuro antemostrava-se-lhe n'um doce arrebatamento, cheio de voluptuosidades infinitas; e emquanto os seus espiritos se absorviam em sonhos de requebrada ternura, elles, de mãos entrelaçadas, os peitos offegantes e os olhos humidos de alegria e de enternecimento, uniam os labios em beijos soffregos, ardentes, interminaveis, e assim ficavam, n'essa eloquente mudez dos que não carecem de palavras para se comprehenderem.

* * *

N'aquella noite ficaram burguezmente n'um quarto de hotel. Teriam preferido, talvez, divagar sósinhos, entregues aos seus devaneios, trocando beijos e suspiros, sob a claridade pallida da lua,

Lo bel pianeta che ad amar consola,

mas isso tinha os seus inconvenientes que era preciso evitar.

De manhã cedo prepararam-se para sahir da capital. Tinham resolvido tomar logar no caminho de ferro e irem para o Porto, onde lhes seria facil installarem-se sem que se tornassem notados.

Foi isto o que fizeram.

Chegado ao Porto alugaram um quarto modestamente mobilado, circumstancia esta que não obstava a que tivesse para elles os encantos deliciosos de um ninho perfumado, risonho e encantador. Foi esse o templo do seu amor, o santuario inflorado onde irradiava o sol da sua intima ventura, povoando-lhes a vida de miragens encantadoras.

Nos primeiros dias da sua embriaguez, embevecidos n'aquelle ineffavel goso do presente, elles tinham dispendido, sem dar por isso, os limitadissimos recursos pecuniarios de que dispunham. Paulo quizera, quanto possivel, evitar á sua amada uma transição demasiadamente brusca de uma vida luxuosa e opulenta para a existencia obscura e triste que elle lhe podia offerecer. Comtudo, havia alguns momentos em que se sentia inquieto e taciturno. O que seria d'elles quando se vissem a braços com a miseria, pois que era a negra e implacavel miseria que fatalmente os aguardava ao cabo de mais alguns dias de enlevo e de amor?

Já profundamente contricto de haver arrastado aquella encantadora creança a um abysmo onde se estiolariam a sua belleza e a sua mocidade, não poude um dia deixar de lhe communicar os crueis presentimentos que o torturavam. Ouvindo-o, Laura riu-se muito da pretendida miseria que iriam affrontar, não deixando transparecer a minima inquietação, a menor sombra de um receio.

E comtudo era essa a cruel verdade.

De outra vez Paulo, com o olhar annuviado por um sombrio desespero, disse-lhe que não era possivel continuarem assim, que já não possuiam absolutamente nada; e ella, com a mais inalteravel tranquillidade, e um sorriso alegre e descuidoso a brincar-lhe nos labios, apresentou-lhe um pequenino cofre com embutidos de madreperola e ouro, e disse-lhe:

—Aqui tem as minhas joias, vende-as. Com o producto obtido poderemos viver mais algum tempo, não é verdade?

—E depois? interrogou Paulo com visivel angustia.

—Depois?... Depois morreremos!

E pronunciou esta phrase com a mais natural simplicidade, sorrindo n'uma alegria effusiva, e lançando os braços em torno do pescoço do amante.

—Não, louquinha, não morreremos. Hei-de trabalhar e luctar Não se póde passar a vida a amar e a trocar caricias. Tinhas pensado n'isto, Laura?

—Quando me decidi a abandonar tudo para te seguir, só pensei que te amava, e hoje mesmo o meu unico pensamento é que te amo cada vez mais.

As joias foram vendidas, e atraz das joias seguiram outros objectos. Paulo pretendia um emprego, um logar qualquer n'um escriptorio, que lhe garantisse um ordenado por modico que fosse; em parte alguma, porém, havia logar. Era a resposta que obtinha de todos a quem se dirigia, resposta que o deixava gelado, petrificado quasi, de cada vez que a escutava.

Todos os dias, por isso, voltava das suas muitas pesquizas desalentado e triste, maldizendo a sorte que tão adversa se lhe mostrava. Porém, ao cingir nos braços o busto delicado e gentil de Laura, e ao vel-a, como sempre, alegre, inquieta e expansiva, todo o seu ser se repassava de uma sensação vivificante e deliciosa, e de novo se sentia docemente embalado pelas suas esperanças e pelos seus sonhos.

Todavia, elle não ignorava que a sua situação embaraçosa não podia prolongar-se por muito tempo. Luctou quanto poude por sahir d'ella, chegou mesmo a querer dar de mão a uns certos preconceitos e conveniencias sociaes, que delimitam absurdamente a esphera em que o homem póde, sem *desdouro social*, exercer a sua actividade. Mas todas as suas tentativas foram baldadas, todas as suas esperanças se frustraram, e então apossou-se d'elle um desalento intimo, uma raiva profunda e concentrada.

Sentia-se sem coragem nem forças, inteiramente dominado por um tedio invencivel. Ao mesmo tempo, o rosto de Laura, habitualmente jovial, ia-se pouco a pouco assombreando de uma nuvem de desgosto, cuja causa o pobre moço não podia ignorar. Como não havia de ser assim, se aquella creança, habituada aos regallos e aos confortos da opulencia, se via de repente arastada por um amor insensato para um meio que aniquilava todas as suas esperanças, todas as suas alegrias e todas as suas aspirações?

O amor, por si só, não bastava já para a fazer esquecer a larga e despreoccupada existencia de outr'ora, cheia de distracções e de prazeres, e por isso as suas caricias tornavam-se pouco a pouco mais frias, os seus beijos eram menos ardentes, e os seus braços não tinham a mesma ternura quando cingiam o pescoço do amante.

Ainda decorreu assim algum tempo.

Um dia—dia de inverno triste e luctuoso—em que Paulo regressara, como sempre, abatido e desanimado, não encontrou a amante. Teve um presentimento, e no seu intimo quasi se sentiu jubiloso. Sobre um movel estava uma carta. Abriu-a precipitadamente e leu isto:

«Paulo—Quando leres esta carta talvez me accuses de ingratidão, mas que queres, se eu reconheço que seria rematada loucura querer prolongar por mais tempo a nossa situação angustiosa? Ambos nós nos illudimos. Não basta á vida simplesmente o amor, e tu nada mais me podias dar. O proprio amor que me consagras, absorvendo-te inteiramente, te tira a coragem e a força para luctares. Se me não amasses, talvez podesses trabalhar e vencer. Diligenceia, portanto, esquecer-me. Meu pae, a quem mandei pedir que me perdoasse, veiu hoje buscar-me. Deixo-te, pois. Adeus e sê feliz.

Laura.»

* * *

Quatro mezes depois, Laura dava a mão de esposa ao commendador Esperidião Pinheiro, o mesmo noivo que seu pae lhe havia proposto. O escandalo dos seus amores quasi não transpirára, e portanto o bom do brazileiro acceitou a noiva sem a menor desconfiança. Laura entrou novamente no bulicio e no fausto do grande mundo, e então, respirando com estranho alvoroço n'um ambiente de grandeza e de opulencia, poude comprehender que na realidade o amor é coisa muito secundaria para a felicidade humana e que o principal factor d'esta é, sem duvida alguma—*o dinheiro.*

MAGALHÃES FONSECA

AS NOSSAS GRAVURAS

O PRINCIPE D'ORANGE

O principe Alexandre d'Orange, herdeiro da corôa dos Paizes-Baixos, falleceu a 21 de junho de 1884, na Haya, victima de uma cruel enfermidade, que o accommettera quinze dias antes.

Contava apenas 33 annos de edade, e tinha nascido do primeiro casamento do rei Guilherme III com a princeza Sophia, filha do rei de Hurtemberg.

Os Estados geraes da Hollanda, um mez depois da morte do principe, aprovaram um projecto de lei confiando á Rainha Emma a regencia do reino, se Guilherme III morresse antes da maioridade da princeza Guilhermina, que conta hoje 6 annos de edade. Esta resolução foi adoptada sem quasi se chegar a discutir, attendendo aos meritos e virtudes que exhornam a formosa rainha da Hollanda.

O principe Alexandre d'Orange era contra-almirante, major general do grande estado maior hollandez, e coronel do regimento russo n.º 5. Tinha um caracter excentrico, e gostava de viver isolado, sem fausto nem grandeza.

BIANCA DONADIO

Todos se recordam, de certo, com saudade, d'esta eximia cantora, que esteve por duas vezes em Lisboa, a primeira cantando no Colyseo dos Recreios e a segunda no theatro de S. Carlos. A sua voz encantadora possue todas as notas maviosissimas do gorgeio do rouxinol. A sua vida artistica é uma serie de triumphos colossaes, desde que appareceu em publico na Grande Opera de Paris, a 18 de fevereiro de 1873.

Ultimamente, noticiaram os jornaes estrangeiros que Bianca Donadio tinha renunciado por completo ás seducções da Arte, para se consagrar á vida monastica. Foi puro *canard*. A formosa *diva*, desmentindo o boato que a imprensa espalhara não sabemos com que proposito, acaba de exhibir os seus extraordinarios recursos vocaes em Barcelona, e prepara-se para visitar pela terceira vez a nossa capital, onde encontrará os mesmos enthusiasticos applausos que de nós todos conquistou.

Esta boa nova justifica hoje a publicação do seu retrato nas paginas da *Illustração Portugueza*.

UMA FORMOSURA

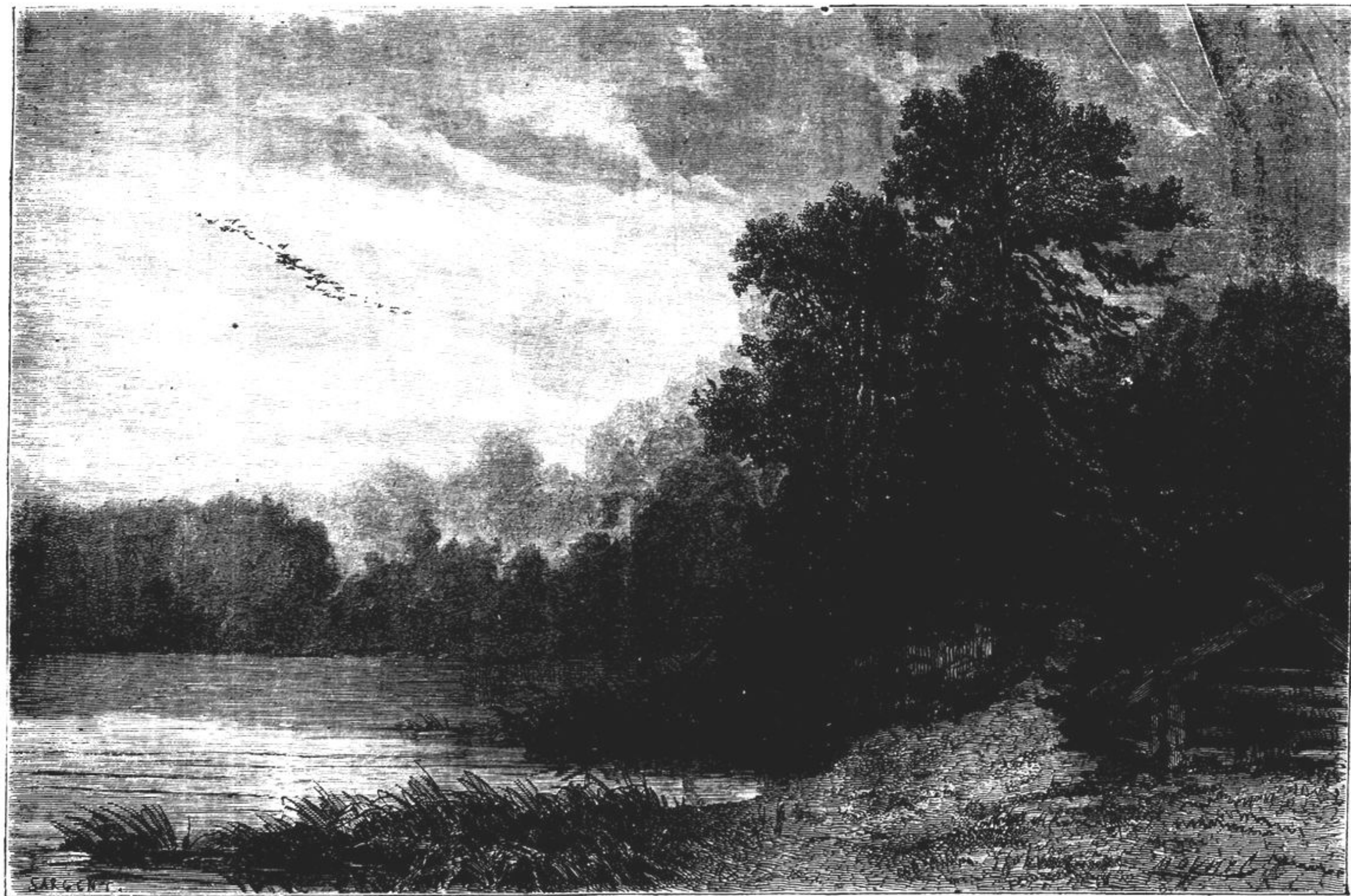
Leu e está scismando. Scismando em que? No que diz a fita do *bouquet*? O que será?

Uma esperança que vem illuminar-lhe o espirito, ou uma recordação que se lhe imprime na alma?

Alguma revelação de amor, talvez.

O que dirá aquella fita? O que significam as flores d'aquelle *bouquet*?

Quem pode ser aquella encantadora mulher, com tão correcta linha de singela elegancia?

Formosa, olhos que fallam, bocca a prometter doçuras ineffaveis, dentes da côr das perolas, cabellos negros como a noite, e como a noite que envolve os mysterios do mar que se agita, a envolverem tambem aquella gentil cabecinha, onde nasce talvez a tempestade de mil pensamentos.

UMA MARGEM DO GOLFO ONÉGA

Que ella é assim, sabe-se, porque se está vendo; mas quem ella pode ser e no que está pensando, é impossivel adivinhal-o.
Quem é que atina com os pensamentos de uma mulher?
O que uma imaginação feminil alcança nas horas de devaneio, nem Deus é capaz de o saber.

UMA MARGEM DO GOLFO ONÉGA

A nossa gravura representa uma margem do golfo Onéga, na Russia.
Este golfo está semeado de penedos e d'ilhotas, sendo a maior parte d'ellas bancos d'areia, formados pelas terras que as vagas desligam das planuras de Kargopol e arrastam até aquelles logares. Encontra-se, comtudo, entre a ponta Orlof e a cidade de Kem, um archipelago importante, de que fazem parte as ilhas Solovetsk, Muksalma, Zaet e muitas outras, cujos nomes andam ligados á historia da Russia.
Solovetsk, a maior do grupo, mostra com orgulho o seu convento, que servio de refugio a S. Filippe.

O ANTIGO PALACIO DOS KHANS TARTAROS, EM BAKHTCHÉSÉRAI

Bakhtchésérai é uma cidade importante do governo da Taurida, na Russia, e antiga capital dos khans da Criméa.
Fica a 30 kilometros de Sebastopol e tem 13 000 habitantes, dos quaes 9.000 são tartaros. Antes da conquista da Criméa, em 1786, contava mais de 100 000 habitantes.
E' notavel, em Bakhtchésérai, o antigo palacio dos khans, que a nossa estampa representa, edificado em 1519 pelo khan Adel-Sahab-Gerai.
O nome de Bakhtchésérai, que quer dizer *palacio dos jardins*, justifica-se pela abundancia de jardins que ha na cidade.

JUSTIÇA INNATA

Sobre o leito onde a pobre mãe soffria
d'uma cruel doença que a minava,
nos braços d'uma cruz Jesus soltava
o derradeiro alento da agonia.

Cande, que tem tres annos, mas que pensa
como o melhor philosopho do mundo,
velava ao pé, e o seu olhar profundo
tinha a expressão d'uma tristeza immensa.

E disse á mãe, com voz suave e lenta:
—«Deus é bem mau»—e proseguiu absorta
«A gente não faz mal depois de morta,
e elle apesar de morto te apoquenta.»

Ao ouvir tal blasphemia, eu admirado
perguntei:—«Quem te disse, filha minha,
que n'isso que censuras, Deus não tinha
um justo pensamento a nós vedado?»

—«Se Deus é bom, disse ella, só castiga
a quem é mau e nunca faz o bem,
e ninguem ha melhor que minha mãe,
que é amiga do papá e é nossa amiga. . .»

Se Christo lá da paz onde descança
podesse ouvir uma tão sã doutrina,
essencia pura, emanação divina,
na boquinha gentil d'esta creança,

viria encher de beijos, consolado,
quem, n'uma phrase apenas, resumia
o sublime evangelho que elle havia
dictado outr'ora ao mundo extasiado!

CHRISTOVAM AYRES.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Examinei esta mulher n'esta villa—1—2.
No piano, na casa e na cabeça—1—2.
E' grande aqui este signal—1—1.

Aviz. JOSÉ DA CRUZ.

Na Grecia esta mulher habita o deserto—1—2.
Na Biscaia e entre nós é remoque—1—1.

Belem M. H. P. SIMÕES DE CARVALHO.

Sobe e prende este instrumento—2—1.
Aprende-se e corre no corpo—2—2
Este idioma corre n'este homem—2—2.
Na fabula esta ave fluctua—1—2.

J. FERNANDES ARAGÃO.

Logogriphos

(A M. F. C. Guimarães)

Caminhava, á beira rio,—1—7—3
Bem depressa esta mulher—5—4—3
Ia da aldeia á cidade,
P'ra certo arbusto vender.—6—2—3.

—Quanto quer, oh mulhersinha?
Eu dou-lhe tanto.—Pois não.
Queira vir d'ahi commigo,
Tenho além *a embarcação*.

(A Xavier Rodrigão)

Eram tão lindas no campo—9—8—5—6—7—9
Estas alegres creanças!. . .
Da folhagem do arvoredo—6—5—4—7
Tinham ornadas as tranças.

Cortavam sem compaixão—1—2—4—8—9
Os malmequer's ás campinas.
Depois de cheia a cestinha,—1—3—4—5
Vinham-se embora as ladinas.

Voltavam muito cançadas,
Da brincadeira na herdade;
Portanto, q'riam repouso,
Chegando a casa, *á cidade*.

Castello Branco. ROBINSON.

Problema

Em tres quartos contiguos existe um certo numero de pessoas.
Fazendo passar metade das pessoas do primeiro quarto para o terceiro, este fica com o dobro das que estão no segundo, o qual tem menos 6 que o primeiro; e passando 3 pessoas do primeiro para o segundo, estes dois quartos ficam com o mesmo numero de pessoas, e com menos uma que o terceiro. Quantas pessoas ha em cada um dos quartos?

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: — Custodia — Cacau — Corsario — Amolador — Util — Carapinha — Cruzador — Chacal — Andaluzia — Manobra.

DAS CHARADAS EM QUADRO: —

A va ro
va ran da
ro da pé

As su car
sa sa na
car na val

DAS CHARADAS EM VERSO: — Olibano — Jesuino.
DOS LOGOGRIPHOS: — Lepothymia — Admoestar.
DO PROBLEMA: — As partes são: 5, 8, 2 e 24.

A RIR

— Que vergonha! Apresentares-te n'esse estado, a cair de bebado!...

— Então que queres, mulher?! Já não se póde a gente fiar nos amigos. O Mathias tomou-me hontem de emprestimo para o seu casamento, e restitue-me n'este estado!

— Pois vae dizer-lhe que te troque por outro novo!

*

Um parente de S. Carlos Borromeu dizia varias vezes a seus filhos:

— Sejam bons christãos, mas não se lembrem nunca de ser santos. A canonisação do nosso primo Carlos arruinou toda a familia.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA PRATEAR O CRYSTAL

Para pratear o crystal empregam se os dois liquidos seguintes: uma dissolução de 4 grammas de nitrato de prata em amoniaco concentrado, uma gramma de sulphato amonico e 350 de agua: e uma gramma d'assucar de fecula, 3 de potassa caustica e 350 de agua. Para operar, emprega-se uma mistura de volumes eguaes de cada liquido, e applica-se sobre o crystal, depois bem limpo.

EXPEDIENTE

O premio da charada do n.º 45 coube ao ex.mo sr. Julio Ferrer, de Lisboa.

A FLOR DE SANGUE

Estava o arraial em todo o seu esplendor de descantes e bailados que era mesmo um ceu aberto. *Maneis* sanguineos e gentis, varapáo atirado ao desdem para um canto, ao alcance d'olho; Marias estoirando nos corpetes que mal continham a tumidez dos seios. Faces de rosa, olhos maganos. Por toda a parte a alegria e o amor transbordantes.

Reviam-se os paes n'este borbulhar de vida, em que os moços e as donzellas de dez leguas em redondo confraternisavam sob a abobada celeste, em pleno ar dos campos.

Lá no alto do pequeno monte a ermidinha de Nossa Senhora dos Afflictos, erguia-se branca de neve da mais pura cal, com os seus rendilhados de pedra de Villa Franca (uma pedra escura particular dos Açores), expondo-se ao olhar amoravel dos fieis, que vinham trazer-lhe, em offerendas de gallinhas, cera, biscoitos, milho e dinheiro, a expressão da sua fé ingenua e vigorosa.

As barracas dos frege-moscas não tinham mãos a medir. Comia-se no chão, em alcatifas de verdura; por bandejas as folhas d'inhame, largas e verdes como as da bananeira, mas com o recorte das orelhas do elephante. Circulavam as borrachas do vinho e as bilhas d'aguardente. As mulheres, de pernas encruzadas e chales caidos para as costas, riam largamente: os homens, em mangas de camisa, estirados de bruços sobre as jaquetas d'estamenha, fumavam como soldados e bebiam como frades.

As violas enormes, de cordas d'arame reluzente, vibravam estridulamente acima do *brouhaha* geral.

D'esta immensa colméa humana, saia a alegre algazarra da multidão satisfeita.

Havia um ponto do arraial em que se pulava mais e em que era maior a roda. Uns quinhentos rapazes e cachopas, suavam desmanchando-se em um *pésinho* batido a preceito, com *desafios* muito para se ouvirem. *Elles* cantavam, *ellas* respondiam. Não tinham fim as cantigas chammejantes d'ironia e pesaditas de imagens picantes e allusões pessoaes. Aquillo não podia acabar bem A mocidade em aquecendo!...

A Maria dos olhos pretos, como chamavam á rainha da festa, era filha de um lavrador abastado e uma das mais guapas do rancho. Todos os *D. Juans* de jaqueta se curvavam em respeitosa admiração diante da airosa camponeza, e todos lhe arrastavam a aza. Ella, sobranceira e segura do seu dominio, comprazia-se em prolongar o martyrio amoroso dos seus adoradores, desferindo dos seus labios grossos e sensuaes um sorriso de vaidade satisfeita, que a tornava mais provocante e mais appetitosa.

Os cerebros dos rapazes ardiam na febre dos desejos; e sob as pregas bordadas dos seus peitilhos anilados, palpitavam-lhes, como lume, os corações abrazados. Os olhos despediam-lhes chammas todas as vezes que os poisavam nas carnes, vibrantes de saude e resistentes de vida da requestada rapariga.

Ella não perdia um só d'aquelles olhares esfaimados, e sentia humedecerem se-lhe os olhos de uma estranha alegria que a fazia palpitar em todo o seu ser.

Ninguem lhe conhecia um namorado preferido e isto acirrava a fila dos pretendentes. Os paes, descançados por este lado e confiados na honestidade irreprehensivel da filha, davam-lhe grande liberdade.

*
* *

No mais acceso do bailarico, quando as sombras da noite já ha muito tinham envolto a terra, e se dançava *au clair de lune*, um pequenito conhecido da Maria dos olhos pretos, acercou-se surrateiramente d'ella e puxando-a pelo vestido para fóra da róda, disse-lhe tremulo de susto e com a voz pegada:

— Ai! qui grande disgracia! O ti Manel Serôdo caiu agora memo na grota funda, ficando n'um bolo, coutadinho! Aquille fou pinga á mas... Vossa mãe, vos manda chomar, que ella tá como douda!

A Maria, que amava extremosamente o pae, não quiz ouvir mais e correu, como uma onça ferida, na direcção indicada pelo pequeno. O seu coração singello não lhe permittia reflectir.

Apenas se tinha distanciado um kilometro do arraial e ao embrenhar-se para encurtar caminho, no atalho de uma matta, sentiu-se vigorosamente agarrada.

O espanto e a surpreza paralisaram-lhe por um instante os movimentos e poude comprehender que tinha sido victima de uma cilada infame. Apesar da escuridão da noite, procurou com os olhos o garoto que a attrahira áquelle local, mas havia desapparecido. Ouviu comtudo o sufficiente para perceber os maus projectos dos individuos que a rodeavam. Não podia ver-lhes as feições, mas conheceu, pela voz, seis dos seus mais ardidos admiradores, os quaes, ainda ha pouco, cantavam com ella ao desafio! De certo tinham sido elles que haviam planeado o attentado.

Todas estas perguntas, dirigidas a si mesma com a rapidez do relampago, iam ter uma resposta, porque dois dos seus algozes accenderam duas lanternas. Então, á luz d'ellas poude ver os rostos quasi imberbes mas cynicos dos seus depravados admiradores, dois dos quaes eram praças de pret, com licença. Eram estes dois, como mais matreiros e que já tinham servido em Lisboa, que haviam arrastado os outros e dirigiam todo o plano do ataque.

Maria, como quasi todas as camponezas, era uma mulher forte de musculos e de muita presença d'espirito. Possuida de funda indignação pelo que acabava de succeder, teve comtudo a prudencia de não se debater em gritos e espalhafatos vãos, conseguindo com este apparente socego, que os que a haviam agarrado a largassem. Então, raciocinou friamente; e supondo por umas d'estas illusões faceis, das pessoas que se acham em frente do perigo e que não querem ver o lado mais feio d'elle, que aquelles seis individuos talvez somente a quizessem roubar no oiro com que garridamente se armara, offereceu-lh'o todo.

Julgue se pois, do seu assombro, quando uma gargalhada em côro respondeu ao seu offerecimento

— Que não queriam o seu oiro. Para que serviria isso? Para irem até á cadeia? Não, que não eram ladrões d'estrada. Queriam mas era a sua... belleza. Saciarem se n'ella, de tanto desdem! Ah! agora ia pagar tudo por atacado. Nada menos de seis... amantes. Uma pechincha! E quando ella fosse tão tola que se queixasse, a justiça não a podia casar com seis homens.

Palavras não eram ditas, e um dos seis mancebos, que era soldado, dando um salto de tigre para traz de Maria, que se achava de pé, branca e fria como uma estatua de marmore, enlaçou-

lhe os braços em volta do tronco e deu-lhe um beijo de fogo no pescoço nu.

A altiva rapariga estremeceu como se levasse um choque electrico e voltando-se rapidamente, agarrou no atrevido pela gola da jaqueta e pelo cós das calças, e arremessou-o com uma força prodigiosa de encontro a uma arvore, na qual o rapaz foi bater com a cabeça, soltando um grito medonho e caindo sem sentidos.

Começava a tragedia.

Os cinco restantes *valentões*, cabeçudos como todos os montanhezes, longe de correrem em auxilio do seu camarada ou de desistirem da empresa, á vista d'este exemplo, e comprehendendo que, de mãos, não tinham nada a lucrar com a herculea moça, vendo-a desarmada, puxaram, cada qual, da sua navalha de ponta e mola, pois que este maldito instrumento já invadiu os Açores. A pobre rapariga estava irremediavelmente perdida.

Preparavam-se os cinco patifes para um assalto em forma, cercando e avançando cautelosamente com as navalhas estendidas para a frente, promptas a ferir á menor resistencia, como linguas de reptis; quando subitamente, caiu no meio d'elles, como uma bomba, um rapaz bem posto, tambem camponez como os outros e que estivera no bailarico requestando lealmente a Maria. Percebera o que se tramava e seguira-os.

A inesperada apparição d'aquelle intruso ia mudar as condições da lucta.

O não esperado defensor, tinha-se munido de um varapáo e jogando com elle habilmente, fizera recuar com um valente sarilho os cinco cobardes, collocando-se na frente da rapariga a quem abrigava com o corpo.

A lucta, porém, era ainda desegual, e tão séria, que não se ouvia uma praga; apenas o ranger dos dentes.

De repente o recemvindo carregou a fundo, e de uma conteirada rude, batendo em cheio no peito de um dos cinco, pol-o fóra do combate. Rugiram os outros de colera, como quem vê diminuir as probabilidades da victoria, e preparando-se de novo para um decisivo ataque, não se poderam conter que não bradassem:

—Ah! Cão! Queres morrer?...

O heroico rapaz voltou-se rapido para Maria e disse-lhe:

—Safe-se.

Ella, com uma coragem inaudita, respondeu simplesmente:

—Não.

Os quatro, como quatro pantheras, saltando uns e agachando-se outros, precipitaram-se então, sobre o defensor de Maria, que os repellia como um leão. N'um momento, todos aquelles rapazes estavam ennovellados e não se differençava mais que um confuso agitar de braços no ar, vibrando facadas.

Tudo isto durou minutos. Ao cabo d'elles, o chão estava juncado de feridos. A rapariga debruçou-se então sobre o unico d'aquelles homens que lhe merecia consideração e poisou-lhe docemente os labios na fronte descorada. O rapaz sorriu e como que galvanisado por aquelle meigo calor, ergueu-se, amparando-se ao braço da mocetona. Do peito escorria-lhe o sangue de duas feridas.

—Isto não é nada, dizia elle ao olhar angustiado de Maria. E fixava-a com infinda ternura.

Mas a rapariga quiz ver a gravidade das feridas. Tinham que andar uns bons mil metros para chegar ao arraial. E apesar da branda resistencia do rapaz, abriu-lhe o collete e a camisa, descobrindo-lhe inteiramente o largo peito arqueado e robusto. N'este momento caiu de dentro da camisa, para o chão, um objecto. Maria abaixou-se lentamente e apanhou-o. Imagine-se o seu assombro quando viu que era uma rosa que ella de manhã trazia nos cabellos e que não sabia como lhe tinha desapparecido. Fôra elle que lh'a roubara e a mettera no peito.

A rapariga muito commovida, sem dizer palavra abriu o corpete do seu vestido novo e enfiou para dentro do seio a rosa que vinha de apanhar, banhada no sangue d'aquelle valente rapaz.

Seis mezes depois, estavam casadinhos ambos, com grande regosijo de toda a aldeia. Uma só coisa intrigava toda a gente. Era uma rosa murcha, com manchas negras, que se ostentava nos lustrosos cabellos da noiva. Davam-se a perros os convivas, mas não adivinhavam. Apenas seis rapazes do logar tinham escripta na pelle a decifração d'aquelle enigma, mas guardavam-se bem de a divulgar.

José Maria da Costa.

O ANTIGO PALACIO DOS KHANS TARTAROS, EM BAKHTCHÉSÉRAI

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada, 35, Lisboa